

Escrita escolar brasileira: a escrita vertical

C.A.X. Villela^{a,*}

^a Departamento de Polícia Federal, Porto Alegre (RS), Brasil

* Endereço de e-mail para correspondência: villela.caxv@dpf.gov.br. Tel.: +55-51-3235 9076

Recebido em 12/10/2014; Revisado em 16/11/2014; Aceito em 17/11/2014

Resumo

O exame grafoscópico visa essencialmente a determinar se duas escritas partiram ou não de um mesmo punho. A fim de buscar dados empíricos capazes de melhor embasar uma valoração de raridade, diversos pesquisadores se dedicaram ao estudo dos sistemas de escrita. O presente trabalho analisa algumas bibliografias nacionais e estrangeiras que descrevem como se deu o alvorecer da escrita vertical e sua implantação no universo escolar brasileiro. Foi a partir das últimas décadas do século XIX que alógrafos cursivos verticais começaram a ser utilizados para o ensino da escrita. Os novos sistemas, sob a denominação escrita vertical, tiveram presença marcante em todo o mundo ocidental, sendo até hoje os sistemas predominantes em diversos países.

Palavras-Chave: Documentoscopia Forense; Grafoscopia Forense; Sistemas de Escrita; Escrita Vertical; Cartilhas.

Abstract

Forensic handwriting examination essentially aims at determining whether two writings come or not from the same origin. In order to collect empirical data which could base a rarity assessment, many researchers have endeavored to study the writing systems. The present work analyzes some national and foreign bibliographies which describe the dawn of Vertical Writing and its deployment in Brazilian school universe. Since the last decades of the 19th century vertical cursive allographs have been adopted in writing instruction. The new systems, under the designation Vertical Writing, had a remarkable presence in the Western World and still are the predominant systems in many countries.

Keywords: Forensic Document Examination; Forensic Handwriting Examination; Writing Systems; Vertical Writing; Copybooks.

1. INTRODUÇÃO

O exame grafoscópico visa essencialmente a determinar se duas escritas partiram ou não de um mesmo punho. O processo de identificação de autoria se baseia no estudo das convergências, principalmente quanto aos aspectos de quantidade e significância, esta última compreendendo a raridade, a complexidade e a fluência. Mas se nenhuma convergência for encontrada, pode-se concluir pela não-autoria? Definitivamente não. Isto porque a exclusão de autoria não é o processo inverso da identificação de autoria. A exclusão de autoria se baseia na avaliação das divergências, considerando, além daqueles primeiros aspectos, todas as hipóteses que poderiam justificar as dissimilaridades. Tratam-se, portanto, de construções lógicas completamente distintas. Todavia, a correta valoração da significância de cada característica é condição relevante em ambos os processos.

A fim de buscar dados empíricos capazes de melhor embasar uma valoração de raridade, diversos pesquisadores se dedicaram ao estudo dos sistemas de escrita, com especial atenção aos sistemas utilizados para a alfabetização [1 - 3].

O presente trabalho tem por objetivo contribuir com o esforço de estudiosos das áreas de História, Educação, Desenho Industrial e Grafoscopia Forense, que buscam desvendar como se deu o alvorecer da chamada *escrita vertical* – também conhecida como *escrita direita* – e sua implantação no universo escolar brasileiro.

2. AS CARACTERÍSTICAS DE SISTEMA

Em Grafoscopia dá-se o nome de *sistema* a uma combinação de formas e movimentos compondo uma

coleção completa e harmoniosa de alógrafosⁱ, conforme preconizados por um autor ou publicação. No Brasil são também utilizados os termos *alfabeto* e *abecedário*. Um sistema caligráfico seria um sistema obediente a uma rigorosa ordenação estética, ao passo que um sistema de escrita seria qualquer sistema desenvolvido com um propósito meramente funcional de comunicação ou registro.

Uma característica de sistema seria, portanto, uma característica típica de um sistema caligráfico ou de escrita. As características de sistema são de especial interesse para a Grafoscopia, pois, ao se analisar as características gráficas de um indivíduo, quanto mais estas se distanciarem das características de sistema mais significativas e individualizadoras estas serão.

Admite-se que uma significativa parcela das características de escrita de um indivíduo possa estar associada aos modelos que lhe foram repassados ainda na fase de aprendizado, daí a importância de se estudar os sistemas empregados para a alfabetização. Sob a perspectiva forense é, portanto, interessante conhecer-se os diferentes sistemas preconizados pelas diferentes cartilhas escolares, suas respectivas datas de introdução, bem como seu nível de disseminação entre as populações (ex. tiragens). Levantamentos deste tipo já foram realizados nos Estados Unidos da América [2]. Huber e Headrick [5] (p. 27) fazem referência a 76 diferentes sistemas utilizados em escolas dos Estados Unidos e Canadá.

Antes de prosseguir resta, finalmente, esclarecer que a chamada escrita vertical não constitui um *sistema*, mas um *estilo* de escrita. Como será visto adiante, diversas publicações preconizaram sistemas que podem ser associados ao grande grupo intitulado “escrita vertical”.

3. A ESCRITA VERTICAL NA EUROPA

Diversos sistemas caligráficos, em diferentes momentos da história, valeram-se de letras verticais, ou seja, letras com inclinação axial de 90° em relação à horizontal. Entretanto, foi a partir das últimas décadas do século XIX que alógrafos cursivos verticais começaram a ser utilizados em escolas para o ensino da escrita, em substituição aos antigos sistemas de escrita inclinadaⁱⁱ. Os novos sistemas, sob a denominação *escrita vertical*, tiveram presença marcante em todo o mundo ocidental, sendo até hoje os sistemas predominantes em diversos países, incluindo o Brasil.

Para bem compreender o contexto histórico das últimas décadas do século XIX é importante lembrar que, a partir da década de 1870, uma importante invenção – a máquina de escrever – surge para revolucionar as correspondências oficiais e comerciais.

Uma das mais importantes referências sobre o alvorecer da escrita vertical é o livro “*The Theory and Practice of Handwriting: a Practical Manual for the Guidance of Schools Boards, Teachers, and Students of the Art with Diagrams and Illustrations*”, de John Jackson [7], publicado em 1894. O livro relata a transição, sob o ponto de vista britânico, entre as escritas inclinada e direita. Nesta obra, o autor afirma que a primeira série de cartilhas preconizando a escrita vertical foi “*Series of Headline Copy Books in Upright Penmanship*”, publicada cerca de sete anos antes (p. 117). Segundo Jackson, a substituição da escrita inclinada pela vertical teria uma principal justificativa higienista:

A escoliose e a miopia tornaram-se tão comuns entre os escolares e estavam aumentando a um ponto tão alarmante que um estudo sobre suas causas foi considerado imperativo pelos médicos. No curso desta importante investigação, muitas valiosas descobertas e sugestões foram feitas; as pesquisas culminaram na surpreendente revelação de que: primeiro, a escrita inclinada era sem dúvida a causa dos problemas de saúde e, segundo, a escrita vertical era o único remédio que poderia ser prescrito. (p. 118, tradução nossa)

A conclusão de um corpo de médicos e especialistas, apoiada pela experiência de milhares de professores, demonstra que na escrita inclinada a posição lateralizada do corpo é inevitável; a rotação da cabeça ou pescoço e a torção da coluna precisam acompanhar esta posição lateralizada; o deslocamento do ombro direito, a deflexão do pulso, a perturbação causada na ação conjunta dos olhos, com a consequente visão oblíqua do livro, e a insalubre compressão das paredes do tórax, acarretando distúrbios gástricos e respiratórios, são acompanhantes inseparáveis da postura requerida e necessária para a escrita inclinada. (p. 13, tradução nossa)

Jackson (p. 120) relata que os primeiros questionamentos sobre a influência da inclinação da escrita na saúde dos escolares foram levantados pelos médicos Drs. Ellinger e Gross, em 1877, chegando estes ao resultado de que os caracteres romanos com a inclinação vertical seriam mais recomendáveis do que as tradicionais letras inclinadas alemãs. O Dr. Martins, oficial de saúde do distrito de Ansbach levou, em 1879, o assunto ao conhecimento da Câmara de Saúde da Média Francônia. No ano seguinte, o médico oftalmologista Dr. Paul Schubert, dirigindo-se à mesma câmara, procurou demonstrar que a escrita perpendicular deveria substituir o estilo inclinado em uso à época.

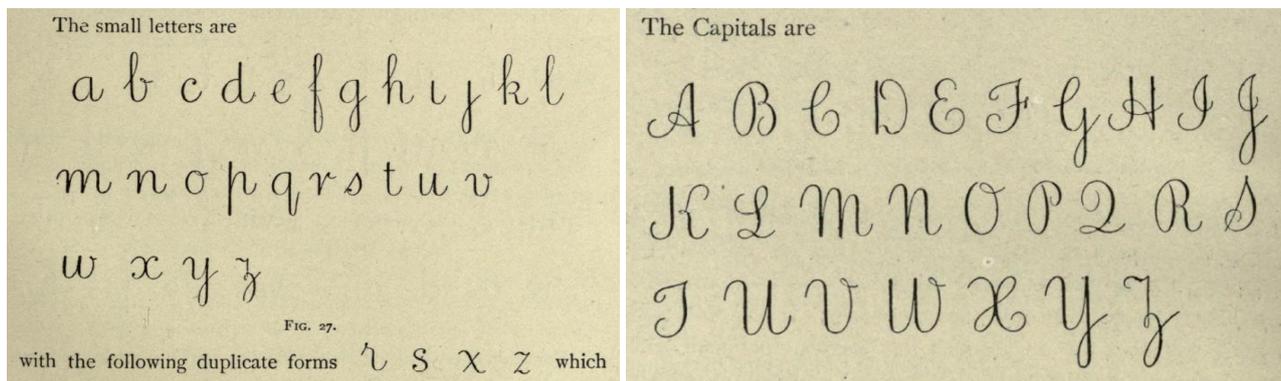
No mesmo ano, sem saber das pesquisas do Dr. Schubert, outro oftalmologista, Dr. Hermann Cohn, declarava-se a favor da escrita vertical no Congresso de

ⁱ Segundo proposto por Ellis [4], o conceito de *letra* pode ser subdividido em três níveis de representação: o *grafema*, nível mais abstrato, um conceito de letra sem uma forma específica; o *alógrafo*, nível ainda teórico, porém já relacionado a uma forma específica de letra; e o *grafe*, nível prático, a letra efetivamente escrita.

ⁱⁱ Para maiores informações sobre *sistemas* de *escrita inclinada*, ver a primeira parte deste trabalho [6].

Biologia de Danzig. Em sequência teriam vindo as pesquisas dos Drs. Mayer, Daiber e Weber, das cidades alemãs de Furth, Stuttgart e Darmstadt, respectivamente, e

do Dr. Javal (Comissão de Paris), os quais, em coro, declaravam-se favoráveis à adoção irrestrita da escrita vertical.



Figuras 1 e 2. O sistema de escrita vertical preconizado por Jackson [7] (pp. 95-96).

Ainda segundo Jackson (p. 120) os primeiros empregos em sala de aula ocorreram na Alemanha e Áustria. No outono de 1888, duas turmas de escolas públicas de Furth e outras duas de Schwabach passavam a utilizar exclusivamente o estilo perpendicular para o ensino da escrita. Ao mesmo tempo, a escrita vertical era introduzida em diversas classes em Viena e em Flensburg, pelos Drs. Emmanuel Bayr e Scharff, respectivamente. Jackson admitia, todavia, que havia uma grande reação contrária à implantação da escrita vertical:

Infelizmente, um lamentavelmente grande número de professores, tanto na Inglaterra como no exterior, ainda se abriga atrás de protestos vis e desonrosos, teimosamente fechando seus olhos e ouvidos para os fatos e evidências, e recusando convencer-se ou converter-se. (pp. 118-119, tradução nossa)

Importante documento versando sobre a mesma discussão é a palestra intitulada *Über die Steilschrift*, proferida pelo Prof. Reuss, em 18 de janeiro de 1899. Nesta apresentação, Reuss [8] relata o resultado de um estudo envolvendo 16 mil crianças, de diversas cidades europeias: Munique, Nuremberg, Furth, Wurtzburg, Zurique, Amsterdam e Budapeste.

Outra importante fonte histórica sobre este período, desta vez apresentando o ponto de vista francês, é o artigo de Victor Brouet [9], intitulado *Ecriture*, presente no *Nouveau Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire*, de Ferdinand Buissonⁱⁱⁱ, publicado em Paris no ano de 1911. Neste artigo, Brouet descreve com detalhes como se iniciou a transição entre a escrita inglesa, até então predominante na França, e a escrita vertical, ocorrida no final do século XIX. Segundo ele, teria sido em consequência da publicação de um estudo do Dr. Javal na conceituada *Revue Scientifique*, em 1881, que uma comissão teria sido nomeada pelo então Ministro da

Instrução Pública da França para “investigar as causas do avanço da miopia entre os escolares e indicar soluções para uma situação que piorava dia após dia”. A conclusão do relatório foi a recomendação de que se fosse adotada a fórmula de George Sand: escrita direita, papel direito, corpo direito. Brouet resume da seguinte forma a situação à época:

Tal é atualmente o estado da questão. A escrita direita ganha na opinião e se difunde cada vez mais. (...) O mesmo movimento também se observa no estrangeiro. Os ingleses e americanos abandonaram a escrita inclinada. Na Alemanha, Suíça e Japão e escrita vertical é ensinada em todas as escolas. (p. 526, tradução nossa)

De fato, nas últimas décadas do século XIX, a própria Inglaterra já havia abandonado o seu tradicional estilo *Copperplate*. Segundo Clayton [11], a substituição daquele estilo inclinado de escrita teria se iniciado por volta da segunda metade do século XIX sem, todavia, nenhuma motivação higienista, mas porque a exagerada variação de linhas finas e grossas e a excessiva inclinação das letras do *English Roundhand* mostravam-se inadequadas para os processos reprográficos disponíveis à época. Com o desenvolvimento das ferrovias, dos correios e do telégrafo, a quantidade de documentos crescera enormemente a partir da década 1830. Isto teria forçado a criação de novas formas de se reproduzir documentos. Uma destas formas era o livro prensa, na qual as letras eram escritas com uma tinta especial que demorava a secar. A carta era colocada dentro de um livro, junto a um papel fino, e pressionada. A impressão invertida assim conseguida podia ser lida através do papel semitransparente. Outro método consistia em escrever-se em anilina sobre o papel, o qual era assentado sobre uma camada de gel, para a qual a tinta era transferida e a partir da qual as cópias eram produzidas.

Ainda segundo Clayton, foi sob o patronato de Palmerston, então Ministro do Interior, que um novo sistema de escrita foi introduzido nas escolas britânicas.

ⁱⁱⁱ O próprio Buisson participa da criação em 1907 da Liga Gratuita pela Escrita Direita [10] (p. 139).

Este foi o *Vere Foster Civil Service Hand*, a escrita do serviço público, que adotava letras mais afastadas e abria mão da excessiva variação de espessura das linhas. O sistema desenvolvido pelo pedagogo irlandês Vere Henry Louis Foster veio a se tornar o principal sistema adotado pelas escolas britânicas entre os anos de 1880 a 1950.

Na verdade, as cartilhas de Vere Foster compreendiam três séries, cada qual preconizando uma determinada angulação para as letras. Eram elas: *Bold Writing Series*, com letras inclinadas, *Medium Series*, com letras um pouco menos inclinadas, e *Upright Series*, com letras verticais.

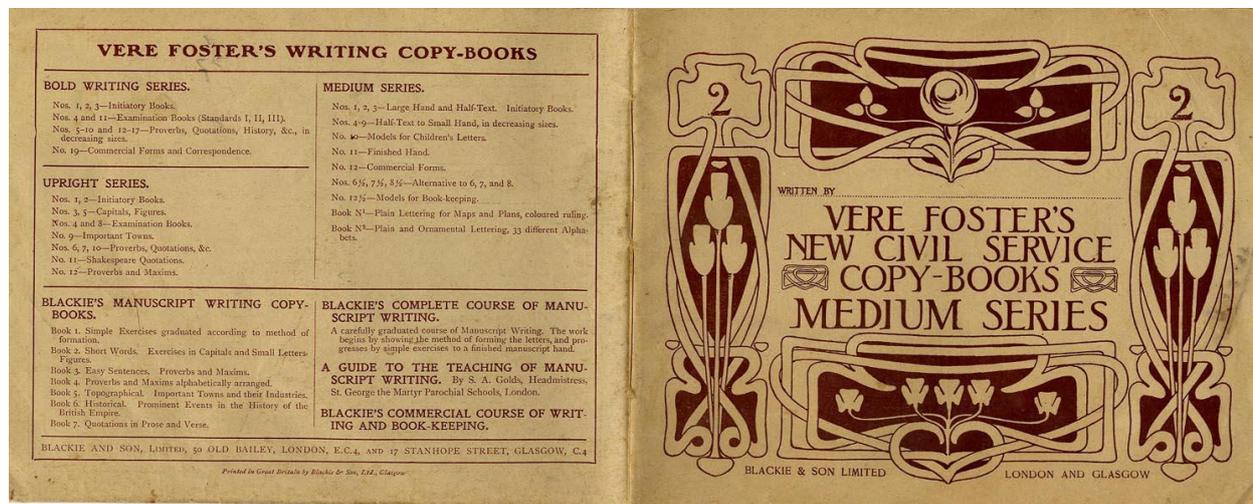


Figura 3. Cartilha de Vere Foster, *Medium Series*, capa e contracapa; à esquerda, a descrição das três séries: *Bold Writing Series*, *Medium Series* e *Upright Series*.

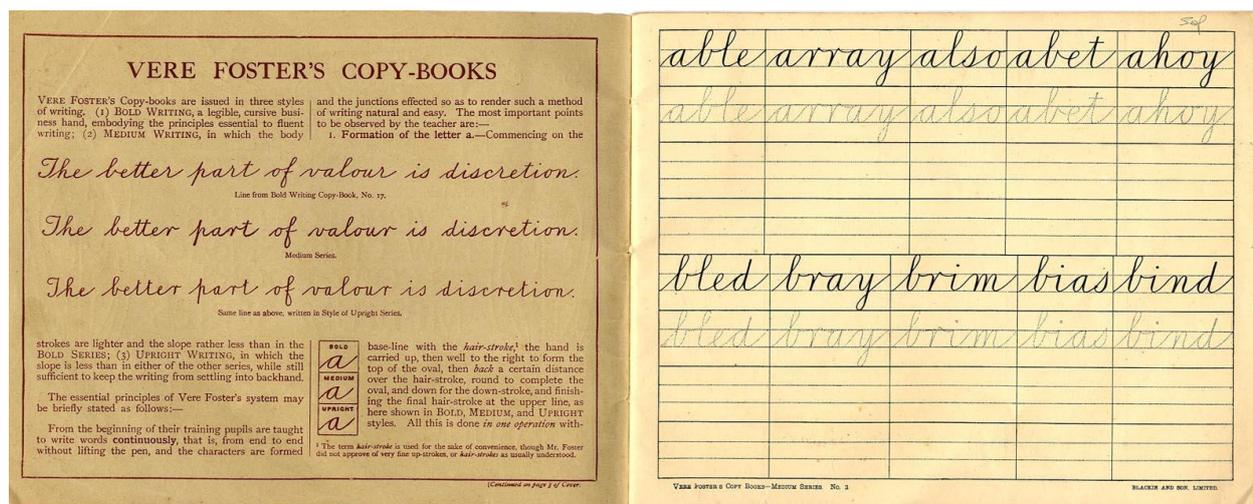


Figura 4. Cartilha de Vere Foster, *Medium Series*, verso da capa e 1ª página; à esquerda, a descrição dos três tipos de letra: *Bold*, *Medium* e *Upright*.

Voltando ao artigo de Brouet [9], este faz uma interessante referência à máquina de escrever:

A escrita vertical é simples, racional, clara e legível. Ela tem uma analogia com os caracteres impressos e com a escrita obtida hoje no comércio e na indústria pelas máquinas de escrever. Ela dá hábitos de ordem, de cuidado e de método. Ela permite alcançar, no ensino, uma uniformidade nunca antes conseguida. (p. 526, tradução nossa)

Esta analogia que então se buscava com os caracteres impressos e com a escrita obtida pelas máquinas de escrever revelou-se, tempos depois, uma tendência crescente e infrene. A observação de Brouet mostrou-se, na verdade, uma antevisão do que viria a

ocorrer, anos mais tarde, com a introdução da escrita “script” nas cartilhas escolares.

4. A ESCRITA VERTICAL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Um importante documento de referência sobre a introdução da escrita vertical na América do Norte é o artigo de Joseph V. Witherbee [12], intitulado *An Argument for Vertical Handwriting*, publicado na revista *Popular Science Monthly*, volume XLIV, em Nova Iorque, no ano de 1894. Neste artigo, Witherbee (p. 86) defende a escrita vertical como “um estilo mais fácil de ensinar, mais fácil de ler, mais rápido e, do

ponto de vista higienista, incomparavelmente superior à atual escrita inclinada”.

Witherbee descreve da seguinte forma sua percepção sobre a origem da escrita vertical:

Na Inglaterra, acredito que o Prof. John Jackson tenha sido o pioneiro desse novo estilo de escrita; e agora, tal foi o apoio que ela teve por lá, tendo em vista sua superior legibilidade, que se tornou obrigatória em todos os ramos do serviço público. A Sampson Low & Co. de

Londres tem publicado as cartilhas do Prof. Jackson, as quais têm tido grande saída na Inglaterra. Muitas escolas inglesas têm as adotado e tornado seu uso obrigatório. No continente, as escolas austríacas lideram na aprovação e defesa da quirografia vertical, ainda que muitas das mais progressistas escolas alemãs tenham também adotado este sistema e sejam entusiastas na sua exaltação. Acredito que até agora nenhuma editora americana tenha lançado uma série de cartilhas com letras verticais, ainda que uma casa esteja considerando isto para um futuro próximo. (p. 87, tradução nossa)

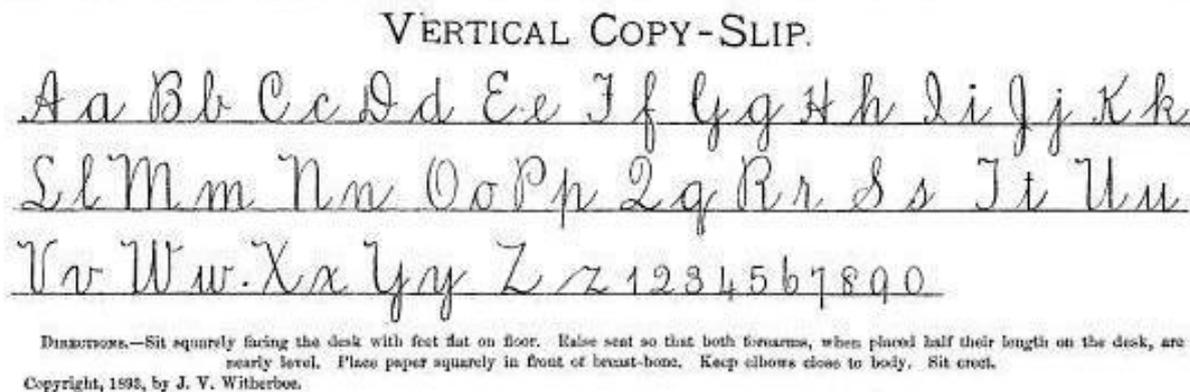


Figura 5. Sistema de escrita vertical preconizado por Witherbee [12] (p. 87).



Figuras 6 e 7. Fotografias demonstrativas das posições higiênica e não higiênica, constantes no artigo de Witherbee [12] (pp. 92-93).

Outra fonte interessante é o artigo *The New Vertical Writing* [13], publicado pelo jornal *The New York Times*, no dia 11 de março de 1894, que assim anunciava a chegada da escrita vertical:

A escrita vertical promete ser a quirografia das próximas gerações. Assim seus defensores têm, através de fatos incontestáveis e resultados palpáveis, demonstrado suas vantagens sobre a escrita inclinada até hoje ensinada em nossas escolas. Um dos seus maiores defensores é o Prof. Joseph V. Witherbee da Escola Pública n. 24 no Brooklin. Quanto perguntado se a escrita vertical seria introduzida nas escolas de Nova Iorque, o Sr. Witherbee responde: “Eu penso que é sem dúvida uma questão de tempo. Como toda inovação, há aqueles que a encaram apenas como mais um modismo, mas suas vantagens sobre a escrita inclinada são tão visíveis que elas não falham em convencer nem os mais céticos. As razões higienistas seriam, sozinhas, suficientes para a abolição do sistema inclinado.” (tradução nossa)

É bem verdade que nos Estados Unidos da América a escrita vertical ganhou certa popularidade no período de 1890 a 1910, chegando a ser adotada por quase todos os editores de cartilhas, incluindo os herdeiros de Platt Rogers Spencer. Entretanto, o novo estilo não conseguiu amplamente se radicar naquele país, principalmente devido ao combate assíduo de Austin Norman Palmer, renomado pedagogo norte-americano, que se engajou em um movimento de resistência ao novo sistema [14].

5. A ESCRITA VERTICAL NO BRASIL

As reformas de ensino realizadas no Brasil no início do século XX procuraram se alinhar às novas tendências. Entretanto, o caráter descentralizado da administração do ensino elementar à época fez com que coubesse às províncias e, posteriormente, aos estados

desenvolver a educação em seus territórios, resultando daí a atual dificuldade em se analisar nacionalmente as mudanças efetuadas na educação primária daquele período.

Vidal e Gvirtz [15] demonstram com legislações da época as iniciativas higienistas de racionalização do espaço escolar ocorridas no Estado de São Paulo (p. 18):

A sala das aulas terá a seguinte cubação: cada aluno disporá de 1,25m quadrados de superfície em uma sala cuja altura for de 4 a 5 metros, e deverá dispor ao mínimo de 30 metros cúbicos de ar renovado por hora (Art. 195 do Código Sanitário). A iluminação da sala é preferível que seja unilateral esquerda. (Art. 197 do Código Sanitário) (Anexo 6 do Decreto 248, de 26/07/1894, do Estado de São Paulo)

Surgem também as primeiras preocupações com o que viria a ser posteriormente conhecido como ergonomia (*apud* Vidal e Gvirtz [15], p. 18):

As mesas escolares deverão ter uma inclinação, pelo menos, de 40 graus acima da horizontal para a leitura; a inclinação será reduzida de 20 a 15 graus para a escrita. A posição da cabeça deverá ser: plano vertical das fossas

auditivas no plano mediano do corpo. Os livros deverão estar distante dos olhos 33 centímetros, convindo que a cor do papel seja amarelada. A altura das carteiras e bancos deverá ser proporcional ao tamanho dos meninos, a fim de não obrigá-los a torcerem o corpo, a curvarem a coluna vertebral, a baixarem muito a cabeça, a terem os olhos muito próximos ou afastados do papel, a terem os pés pendurados. (Anexo 6 do Decreto 248 de 26/07/1894, Estado de São Paulo)

Curiosamente, a busca da modernização não incluía a substituição das letras, para as quais era ainda preconizada a letra norte-americana, conforme determinava o Decreto 1217, de 19/04/1904 (*ibid.* p. 19):

Os exercícios de caligrafia acompanham as lições de leitura; assim, os alunos começarão, desde o primeiro dia de aula, a copiar letras, palavras e pequenas sentenças. Ao professor incumbe observar e corrigir a posição dos dedos e do corpo. No primeiro ano os exercícios serão feitos, no primeiro semestre, nas ardósias e, no segundo, no papel, com lápis. Do segundo ano em diante, serão usados os cadernos, cujo tipo principal de letra seja a norte-americana, complementando-se este ano com o ensino de letras de fantasia. (Decreto 1217, de 19/04/1904)



Figura 8. Cartilha *Caligrafia Vertical*, Caderno 6, de Francisco Viana, Edições Melhoramentos, capa.

Faria Filho [10] se destaca no estudo da história da educação primária do Estado de Minas Gerais. Segundo ele, a reforma da instrução primária e do ensino normal de 1906 introduzia a caligrafia vertical, por ser esta

considerada uma escrita higiênica e mais adequada à “modernidade” que se buscava (p. 138). Estas recomendações constaram em um texto normativo publicado pela Imprensa Oficial, em 1908, com o título

Instruções para a escrita vertical, assinado por Lindolfo Gomes, inspetor técnico de ensino (p. 140):

Vai produzindo resultados animadores nas escolas que adotam, em observância do Programa de Ensino estadual em vigor, o método da escrita vertical. A esse propósito a

rotina vai sendo vantajosamente rechaçada. Nota-se da parte dos alunos o gosto e garbo por essa espécie de grafia, já pedagogicamente adotada em todos os países em que o ensino público primário é encarado com magnitude e zelo que requerem assuntos de tal natureza.

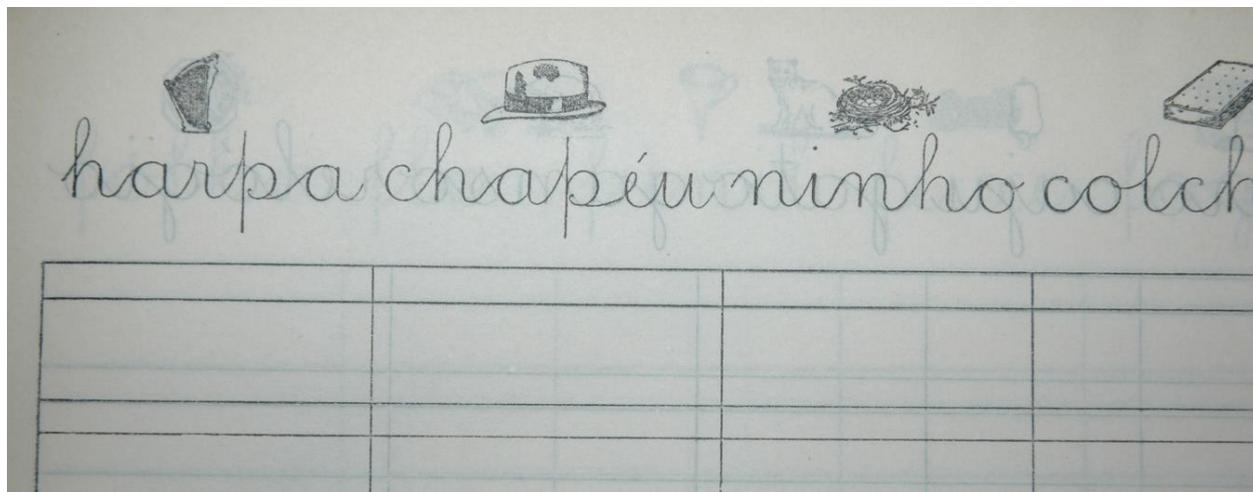
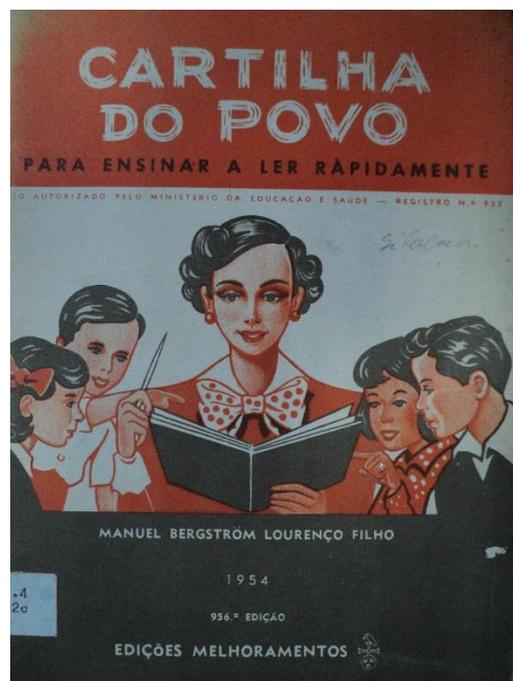


Figura 9. Cartilha *Caligrafia Vertical*, Caderno 1, de Francisco Viana, Edições Melhoramentos, p. 11, modelos em escrita vertical.

Martínez e Boynard [16] descrevem como se deu a introdução da escrita vertical no interior do Estado do Rio de Janeiro, mais especificamente na cidade de Campos. Possivelmente, devido à campanha europeia em defesa da escrita direita ter chegado ao Brasil por influência francesa, a caligrafia vertical veio a ser também conhecida neste país como *calligraphia franceza* (p. 6).

No que se refere a materiais didáticos, a partir de 1909 a Editora Companhia Melhoramentos, de São Paulo, ingressa no segmento escolar trazendo, dentre outras publicações, uma série de cadernos de caligrafia de autoria de Francisco Viana, intitulada *Caligrafia Vertical* [17] (p. 44). Esta série permaneceu sendo editada até o ano de 1989, com tiragens anuais, já na década de 40, superiores a 600 mil exemplares [18].



Figuras 10 e 11. *Cartilha do Povo*, de Lourenço Filho, Edições Melhoramentos; capas das 116ª e 956ª edições.

Na contracapa dos cadernos, Viana descreve as vantagens da caligrafia vertical, sem invocar, todavia, nenhuma justificativa higienista:

Aos Srs. Professores: A caligrafia vertical apresenta, sobre outras formas de escritas, vantagens incontestáveis: uniformidade, por haver uma única posição; clareza,

porquanto a posição das letras não dá origem a confusões; facilidade, pois fica tudo reportado a uma direção fixa que é a perpendicular à pauta. Porém, a sua principal qualidade está em ser a mais legível, o que pode ser facilmente constatado por uma comparação com as demais formas de escrita.

Os levantamentos realizados por Vidal e Gvirtz [15] (p. 30) resgatam ainda a obra *Caligrafia Vertical*, de Theodoro de Moraes, lançada na década de 1910, pela Typografia Siqueira, Salles & Comp. de São Paulo. Segundo Donato [17] (p. 82), foi em 1925 que o educador Manoel Bergström Lourenço Filho passa a integrar a Cia. Melhoramentos, assumindo a tarefa de consultor editorial.

Em 1928 a Melhoramentos já era uma das editoras mais importantes do país, com produtos que atendiam a todas as áreas escolares. Neste mesmo ano era lançada a *Cartilha do Povo: para ensinar a ler rapidamente*, de Lourenço Filho, com a tiragem inicial de 1.080.000 exemplares. Esta publicação trazia modelos em escrita vertical e permaneceu nos catálogos da editora até o ano de 1995, ultrapassando a 2.200ª edição [19] (pp. 202-203). Esta seria a primeira das obras didáticas dedicadas ao ensino da leitura e da escrita voltada não somente ao público infantil, mas também aos adultos das escolas brasileiras.

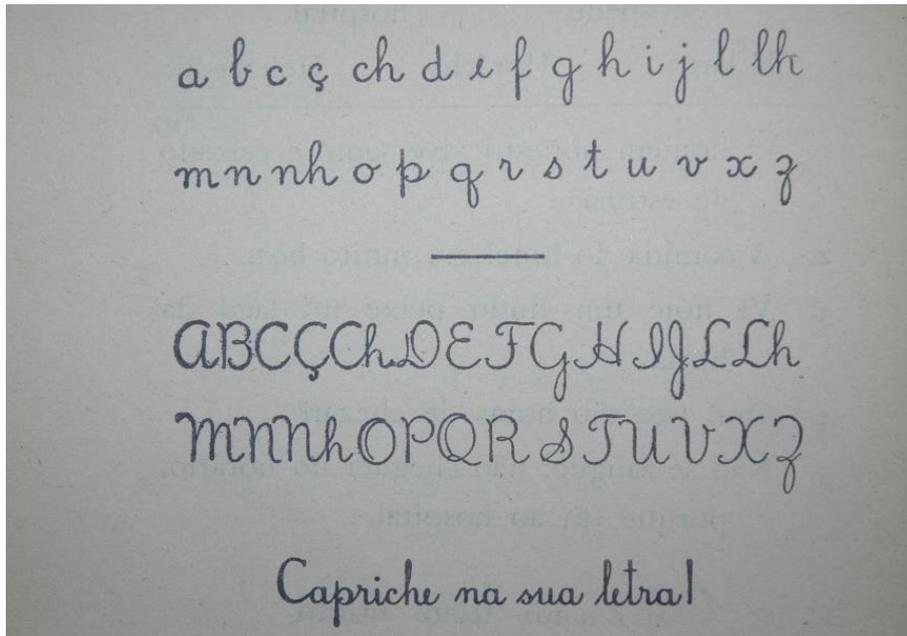
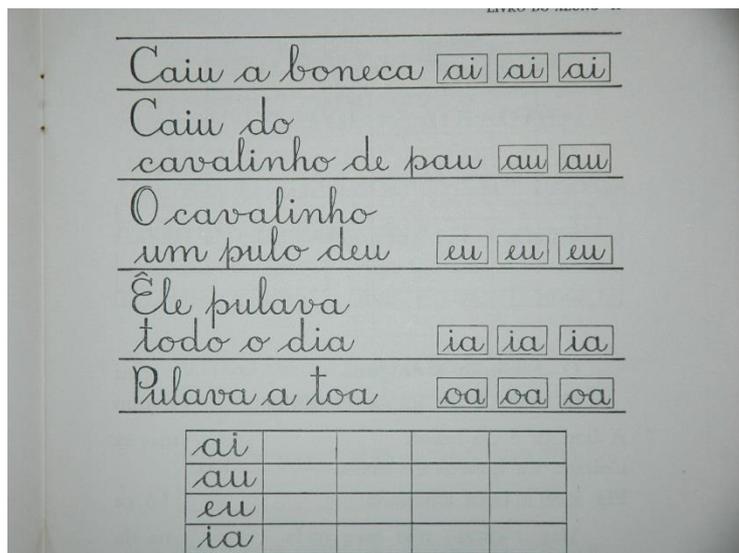
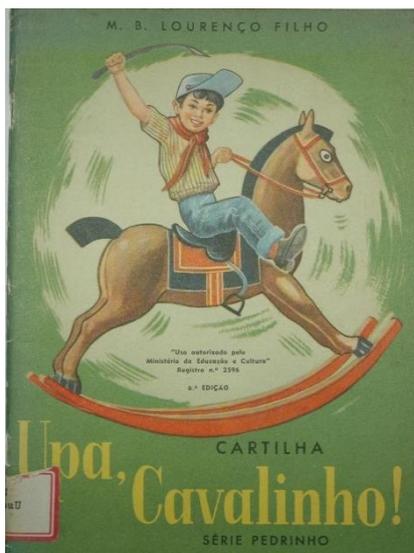


Figura 12. Sistema de escrita vertical preconizado pela *Cartilha do Povo*, de Lourenço Filho, Edições Melhoramentos, 956ª edição, 1954, p. 38.



Figuras 13 e 14. Cartilha *Upa, Cavalinho!*, da *Série Pedrinho*, de Lourenço Filho, Edições Melhoramentos, capa e p. 13.

A partir de 1953, Lourenço Filho inicia a publicação da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. A série é ampliada em 1957 com a publicação da cartilha *Upa,*

Cavalinho!, destinada ao ensino da leitura e da escrita. Esta cartilha prossegue em edição até o ano de 1970, atingindo a marca de 1.995.000 exemplares [20] (p. 51).

Ainda na promoção da escrita vertical no Brasil destaca-se o *Caderno das Crianças - Caligrafia*

Vertical, de Clari Galvão Novais Rocha, também da Editora Melhoramentos.



Figura 15. Cartilha *Caderno das Crianças - Caligrafia Vertical*, de Clari Galvão Novais Rocha, Edições Melhoramentos, capa.

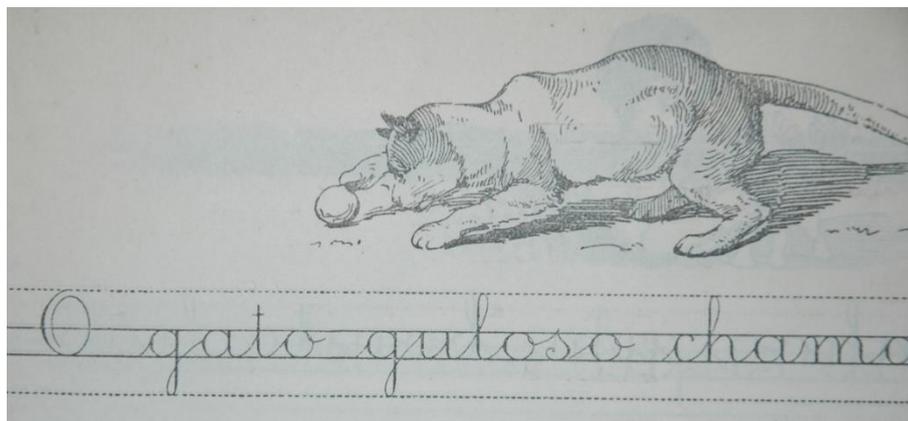


Figura 16. Cartilha *Caderno das Crianças - Caligrafia Vertical*, de Clari Galvão Novais Rocha, Edições Melhoramentos, p. 5.

6. O DECLÍNIO DA ESCRITA INCLINADA NO BRASIL

Ressalta-se que a chegada da escrita vertical não banuiu de imediato a escrita inclinada do universo escolar brasileiro. Não se conseguiu neste trabalho identificar precisamente até que momento persistiram as cartilhas com modelos em escrita inclinada no Brasil. Possivelmente, sua última tentativa de consolidação tenha ocorrido nos anos 30, com as experiências escolanovistas de Ormindá Isabel Marques, então diretora da Escola Primária do Instituto de Educação do Distrito Federal.

Segundo Vidal [18], Marques teria sido fortemente influenciada pelos trabalhos do norte-americano Clyde

C. Lister, professor da Escola Normal do Brooklin em Nova Iorque, fiel adepto da chamada escrita muscular e autor do livro *Muscular Movement Writing - Elementary Book*. Como outros defensores da escrita muscular, Lister enfatizava o ritmo da escrita e preconizava uma seriação de exercícios composta por diferentes traçados: linhas inclinadas, ovais, curvas e alças. Com relação à forma das letras, entretanto, Marques teria optado por não utilizar o alfabeto de Lister, dando preferência ao de Palmer, por considerá-lo mais simples.

Apesar do interesse despertado em Ormindá Marques, as citadas técnicas de Lister não traziam nada de verdadeiramente novo dentro do que já havia sido anteriormente desenvolvido por outros pedagogos norte-

americanos. Ressalta-se que em seu livro *Spencerian Key to Practical Penmanship*, Platt Rogers Spencer já preconizava, em 1866, os adestramentos com ovais e retas ascendentes e descendentes que deveriam ser executados para treinamento e aquecimento do então chamado movimento de antebraço [6] (p. 15).

Ainda segundo Vidal [18], as experiências de Marques com a escrita muscular alcançaram o mercado

editorial a partir da publicação, em 1936, de *A Escrita na Escola Primária*. Entre 1940 e 1960 ocorreu a publicação de vários cadernos de caligrafia, como: *Brincando com o Lápis* e a série *Escrita Brasileira* (caligrafia muscular) de números 1 a 5. Esta série partiu de uma tiragem anual de 11 mil exemplares em 1944, chegando a 250 mil exemplares em 1952.



Figura 17. Cartilha *Escrita Brasileira*, Caderno 1, de Ormindia Marques, Edições Melhoramentos, capa.

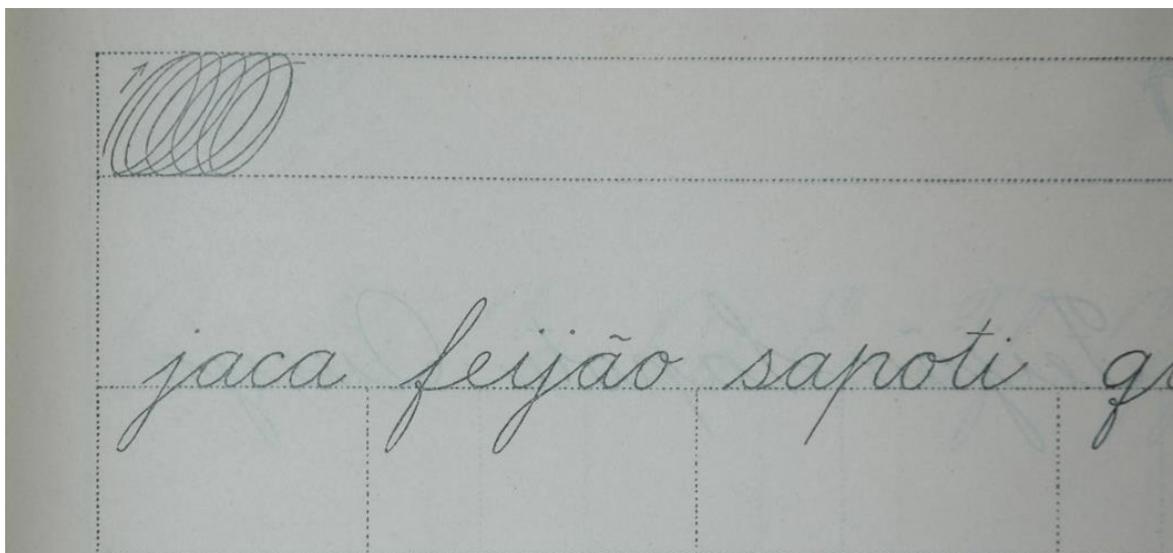


Figura 18. Cartilha *Escrita Brasileira*, Caderno 1, de Ormindia Marques, Edições Melhoramentos, p. 11; acima, os exercícios de aquecimento para a escrita muscular, abaixo, modelos em letras inclinadas.

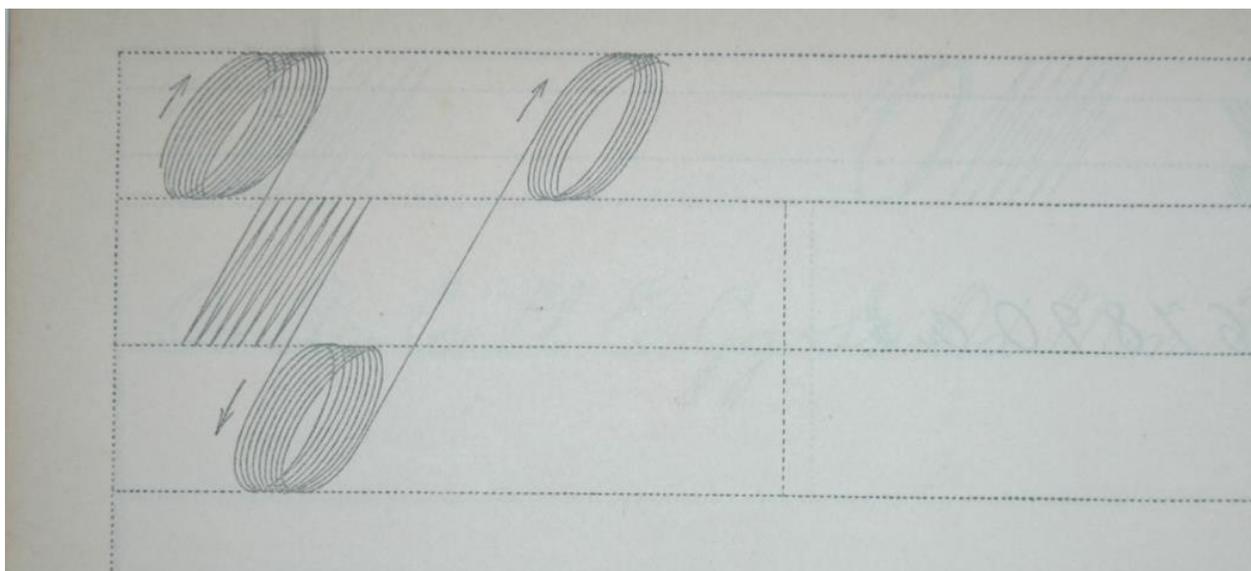


Figura 19. Cartilha *Escrita Brasileira*, Caderno 3, de Orminda Marques, Edições Melhoramentos, p. 16; exercícios de aquecimento mais complexos, envolvendo ovais em ambos os sentidos e retas ascendentes e descendentes.

7. CONCLUSÕES

Foi a partir das últimas décadas do século XIX que alógrafos cursivos verticais começaram a ser utilizados em escolas para o ensino da escrita, em substituição aos antigos sistemas de escrita inclinada. As reformas de ensino no Brasil no início do século XX procuraram se alinhar às novas tendências. A introdução da escrita vertical não banuiu de imediato a escrita inclinada dos materiais escolares brasileiros. Ambos os estilos coexistiram durante décadas, enquanto se discutiam as vantagens e desvantagens de cada um. A evolução desta disputa no Brasil resultou na atual hegemonia da escrita vertical. Em âmbito internacional, uma variedade de sistemas de escrita persiste no universo escolar. Em alguns países, como nos EUA, até hoje se percebe uma predominância dos sistemas inclinados de escrita.

Novos e mais aprofundados estudos poderão tentar diferenciar e inventariar os sistemas de escrita empregados pelas cartilhas escolares brasileiras, associados ao grande grupo “escrita vertical”.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

As ilustrações foram obtidas diretamente a partir de exemplares disponíveis na Biblioteca Setorial de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Projeto Memória da Cartilha), à exceção de:

Figuras 1 e 2. Extraídas do livro *The Theory and Practice of Handwriting: a Practical Manual for the Guidance of Schools Boards, Teachers, and Students of the Art, with Diagrams and Illustrations*, de Jackson [7]. Retirado em 12/10/2014, de: <http://ia700309.us.archive.org/27/items/theorypracticeof00jackrich/theorypracticeof00jackrich.pdf>

Figuras 3 e 4. Extraídas da cartilha *Vere Foster's New Civil Service Copy-Books Medium Series*, Caderno 2, Blackie & Son Limited, Londres e Glasgow, ano de edição não identificado. Retirado em 12/10/2014, de: <http://www.fulltable.com/VTS/a/artman/wr.htm>

Figuras 5 a 7. Extraídas do artigo *An Argument for Vertical Handwriting*, de Witherbee [12]. Retirado em 12/10/2014, de: <http://books.google.com.br/books?id=2SEDAAMBAJ&pg=PA86&dq=Witherbee+Popular+Science+XLIV>

AGRADECIMENTOS

Especiais agradecimentos à Prof. Dra. Iole Maria Faviero Trindade, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e à Prof. Dra. Diana Gonçalves Vidal, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, pelas valiosas sugestões de fontes de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] E. Blumenthal. *Schulschriften der verschiedenen Länder*, Verlag Hans Huber, Suíça (1957).
- [2] H.W. Moon. A survey of handwriting styles by geographic location. *Journal of Forensic Science* **22**: 827-834 (1977).
- [3] E.M. Schuetzner. Class characteristics of hand printing. *Journal of the American Society of Questioned Document Examiners*: 5-33 (1999).
- [4] A.W. Ellis. *Slips of the pen*, Visible Language, EUA (1979).
- [5] R. Huber; A.M. Headrick. *Handwriting identification: fact and fundamentals*. CRC Press LCC, EUA (1999) 27.
- [6] C.A.X. Villela. Escrita escolar brasileira: a escrita inglesa. *Revista Língua Escrita (UFMG)* **7**: 6-27 (2009).

- [7] J. Jackson. *The theory and practice of handwriting: a practical manual for the guidance of school boards, teachers, and students of the art with diagrams and illustrations*, William Beverley Harison, EUA (1894).
- [8] A. Reuss. *Über die Steilschrift*. Palestra proferida em 18 de janeiro de 1899. Retirado em 12/10/2014, de: www.landesmuseum.at/pdf_frei_remote/SVVNWK_39_0193-0223.pdf
- [9] V. Brouet. *Ecriture*. In: F. Buisson (org.). *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire*, Librairie Hachette, França (1911).
- [10] L.M. Faria Filho. Cultura e prática escolares: escrita, aluno e corporeidade. *Cad. Pesqui.* **103**: 136-149 (1998).
- [11] E. Clayton. A history of learning to write. In: T. Wilcox; E. Clayton (orgs.). *Handwriting: everyone's art*, The Edward Johnston Foundation, Inglaterra (1999) 14.
- [12] J.V. Witherbee. An argument for vertical handwriting. *Popular Science Monthly* **XLIV**: 86-93 (1894).
- [13] The New York Times. *The new vertical writing*, artigo de 11 de março 1894. Retirado em 12/10/2014, de: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F60714FE3D5415738DDDA80994DB405B8485F0D3>
- [14] W. Henning. *An elegant hand: the golden age of american penmanship & calligraphy*, Oak Knoll Press, EUA (2002) 301-302.
- [15] D.G. Vidal; S. Gvirtz. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880-1940. *Rev. Bras. Educ.* **8**: 13-30 (1998).
- [16] S.A. Martinez; M.A.A.P. Boynard. *Uso da imprensa periódica como estratégia de divulgação e reivindicação de novas práticas de escrita no Estado do Rio de Janeiro: Campos, 1914-1915*. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos, (2005).
- [17] H. Donato. *100 anos de Melhoramentos: 1890-1990*, Editora Melhoramentos, Brasil (1990).
- [18] D.G Vidal. Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30. *Rev. Fac. Educ.* **24**: 126-140 (1998).
- [19] M.R.M. Magnani. Os sentidos da alfabetização: a “questão dos métodos” e a constituição de um objeto de estudo. *Tese de Livre-Docência*, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente (1997).
- [20] M.N. Fernandes. Saberes em foco: diálogos de M. B. Lourenço Filho na Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1970). *Tese de Mestrado*, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina (2011).